

# A PROVÍNCIA

Semanário

AVENCA

INFORMAÇÃO .. CULTURA .. RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor  
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467  
MONTIJO

DIRECTOR  
ÁLVARO VALENTE

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

Exmo. Sr. Manuel Giraldes da Silva  
MIO P110

## VARÕES ILUSTRES DE MONTIJO

### RECORDANDO

# Luís Calado Nunes

Por motivo de doença do nosso ilustre colaborador João Luís da Cruz, demorámos a publicação deste prometida página. Em virtude das suas melhoras, é agora possível publicá-la. Pedimos desculpa da demora e desejamos o pronto restabelecimento daquele nosso prezado colaborador e amigo.

Com pouco se contentam os pobres, a grande legião. Dos insaciáveis, não há que falar: estão à vista.

Hei-de falar agora de um daqueles pobres grilhetas da pena, que viveu na *aurea mediocritas*, de que falava Horácio, e que deveu a um amigo culto, generoso e compreensivo, o salvar-lhe o nome do esquecimento total.

Teríamos hoje, sem o prestígio da influência de Mecenas, junto de Augusto, a Eneida, as Geórgicas e as Bucólicas, de Virgílio? As Odes de Horácio e as Elegias de Propércio? Não sei.

Dentre nós, desde o Renascimento até o século XIX, foram poucos os Mecenas que facilitaram a publicação das obras de escritores e poetas desafortunados.

Todavia, no princípio deste século, tivemos um espírito originalíssimo de filantropo, protector das Letras e das Artes, que fez se não perdessem as produções literárias e artísticas de um seu grande amigo.

O protector foi Cruz Magalhães, e aquele o hoje quase esquecido poeta Luís Calado Nunes.

Quem era este poeta de um temperamento tão emotivo, ao mesmo tempo, senhor de um carácter tão digno e de uma modéstia tão rara? No seu curioso livro *Máximas... Mínimas — Ditos... Malditos e Riso Amargo*, Cruz Magalhães dizia que ele fora a maior e mais bela alma poética de bondade que se lhe deparara em a sua longuíssima vida, e acrescentava que Calado Nunes lhe afirmara várias vezes que tinha passado a vida a encolher-se para deixar avançar os outros.

Camilianista distinto, Cruz Magalhães, para definir melhor o temperamento do seu amigo, citou no seu referido livro um pensamento do autor do *Amor de Perdição*. Este:

«Grandes devem ter sido as provações de quem sabe tilintar os guizos do histrião para que lhe não oiçam os gemidos!...»

Depois, como exemplo pungente, e a propósito, contou:

«Luís Calado Nunes contorcia-se às vezes com dores horríveis na minha presença e na doutras pessoas íntimas, fitava-nos, após ter os olhos cerrados por algum tempo, via a nossa expressão compassiva de angústia, disparava um chiste, que infalivelmente nos fazia sorrir, e explicava, longe de acabrunharmos os outros com os nossos males, devemos ocultar-lhos e distraí-los da mágoa que eles possam causar-lhes».

Quem era esta estranha criatura que se foi deixando apagar, mesmo antes do longo sofrimento físico a que veio a sucumbir?

Uma glória de Montijo, onde nasceu a 19 de Junho de 1866. Foram seus pais Luís Eloi Nunes

e D. Antónia Rita dos Santos Calado; padrinhos: Francisco José Nepomuceno e D. Maria dos Santos Calado. Interveio no baptismo como celebrante, o Rev. José da Rosa Figueira.

Julgo que a juventude de Calado Nunes lhe decorreu na terra que lhe foi berço, e que teria tirado em Lisboa os sólidos preparatórios que lhe abriam as portas do Curso Superior de Letras, onde se formou, tendo como condiscípulo Rafael Bordalo Pinheiro e fazendo com este parte da boémia artística e literária a que pertenciam Columbano, Costa Alegre e outros no final do século passado, de tão brilhante memória.

Concluído o curso, inicia o nosso poeta a sua carreira como professor particular. Mais tarde, vai exercer o magistério no antigo Liceu do Carmo, em Lisboa e, por fim, no Liceu Sá da Bandeira, em Santarém, onde ficou regendo três disciplinas: as de português, francês e inglês.

Era um professor sapientíssimo, cujo alto es-



pírito, volvido irresistivelmente para as coisas da Arte, fez dele também um caricaturista e aguarelista distinto e um apaixonado cultor da música.

Há no Museu Bordalo Pinheiro, instituído em Lisboa, a expensas do seu grande amigo Cruz Magalhães, trabalhos da sua autoria dignos de admiração; e não obstante o seu brilhante poder criador, Calado Nunes preferia muitas vezes, vítima sempre da sua modéstia e da timidez do seu temperamento, fazer reproduções de obras alheias, o que deixava perplexos os autores dos trabalhos originais, que não distinguiam estes das cópias.

Quando este prosador castiço, poeta inspirado e pedagogo eminente, *double* de artista plástico, com a alma iluminada por um grande sonho de beleza, encontrou na morte, ocorrida em 15 de Setembro de 1918, alívio para os seus sofrimentos, poucos foram os órgãos da imprensa lisboeta que se ocuparam dele.

O *Diário de Notícias*, no seu n.º 18983 do dia imediato, esse ainda trazia, do seu correspondente em Santarém, a seguinte local:

«Na idade de 52 anos, faleceu na noite passada (a correspondência é datada de 16), depois de longo sofrimento, o sr. Luís Calado Nunes, professor de português, francês, e inglês no liceu central Sá da Bandeira, desta cidade, onde era muito querido tanto pelos seus colegas como pelos alunos que muito apreciavam o seu carácter de eleição e o seu muito saber».

«O finado era diplomado com o Curso Superior de Letras e era um poeta muito distinto, como se vê dos seus trabalhos, entre os quais o livro de versos «O Meu Moinho» e outras produções dispersas.

«Foi tradutor do livro «Odes de Anacreonte», e era também um caricaturista e um aguarelista de muito valor».

E sobre este piedoso dístico funerário, fechou-se o túmulo de tão formoso talento quão nobre carácter, para um olvido, que seria total, como dissentos, se Cruz Magalhães, seu Mecenas, lhe não tivesse publicado os poucos livros que vieram à luz, em edições de tiragem restrita, por imposição do autor, — livros hoje raríssimos —, e se outra alma de poeta — a de nosso bom amigo Manuel Giraldes da Silva não tivesse, com extremado amor bairrista, encontrado há anos a oportunidade de sugerir a homenagem com que a Câmara Municipal de Montijo se honrou, perpetuando o nome de Luís Calado Nunes numa das artérias da sua vila encantadora.

Não sei — ai de mim! — se o professor, o poeta, o artista deixou alguém que lhe tivesse herdado o nome. Que me conste, ele teve um irmão, de nome Emídio, à memória de quem dedicou uma das suas belas traduções das Odes de Horácio. Teve um filho, dizem-me. Viverá? No caso afirmativo, que consolador seria o poder consultá-lo para uma biografia mais completa!

Coração de grande sensibilidade, nunca nos seus versos ele deixou de ser um sentimental, para quem a Família e a Humanidade existiam contra as infâmias do mundo do seu tempo e as do mundo de hoje. Veja-se a ternura destes versos:

*«Hoje é dia dos teus anos, Mãe;  
quantas mais rugas sulcam teu semblante;  
quanto mais perto teu ocaso vem,  
mais bela me pareces! Para o filho,  
a Mãe é facetado diamante:  
na escuridade ainda tem mais brilho.»*

De quantos lhe foram queridos, o lírico não se esqueceu do pai, evocando os seus mortos em um dos poucos sonetos que publicou e lhe dedicou, — soneto que Nuno Catarino Cardoso incluiu em uma das suas beneméritas antologias.

É nesse poema que Calado Nunes os evoca, — aos seus mortos —, e lhes pergunta, afinal:

*«— Donde vindes? Dizei-me claramente! —  
Calam-se como a quem pesou do assunto,  
e vão-se todos misteriosamente...»*

Os seus sentimentos pacifistas, humaníssimos,

(Continua na página 4)



## VIDA PROFISSIONAL

### Médicos

**Dr. Avelina Rocha Barbosa**

Das 15 às 20 h.  
R. Almirante Reis, 68, 1.º  
Telef. 026 245 — MONTIJO  
Consultas em Sarilhos Grandes,  
às 9 horas, todos os dias, excepto  
às sextas feiras.

**Dr. Fausto Meiva**

Largo da Igreja, 11  
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.  
Telef. 026 256 — MONTIJO

**Dr. J. Sousa Correia**

CLÍNICA DENTARIA  
Dentes artificiais e consertos  
Consultas todos os dias  
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas  
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

**Dr. Cristiano da Silva Mendonça**

MÉDICO VETERINÁRIO  
R. Luís de Camões - MONTIJO  
Telefone 026 502

**Dr. Isabel Gomes Pires**

Ex-Estagiária do Instituto  
Português de Oncologia.  
Doenças das Senhoras  
Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras  
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo  
Todos os dias  
Rua Morais Soares, 116-1.º  
LISBOA Telef. 4 8649

### Parteiras

**Felisbela Victória Pino**

Parteira - Enfermeira  
Partos, injeções e tratamentos  
Rua Sacadura Cabral, n.º 50  
TELEF. 026 487 — MONTIJO

**Augusto Marq. Charneira Moreira**

Parteira-Enfermeira  
Diplomada pela Faculdade de  
Medicina de Coimbra  
Rua Tenente Valadim, 29-1.º  
MONTIJO

**Armanda Lagos**

Parteira-Enfermeira  
Ex-estagiária das Maternidades de  
Paris e de Strasbourg.  
De dia - R. Almirante Reis, 72  
Telef. 026 038  
De noite - R. Machado Santos, 28  
MONTIJO

### Organizações

#### Progresso

Oçam todas as 3.ªs feiras às  
13 horas, através do Clube  
Radiofónico de Portugal o  
programa «REVISTA DES-  
PORTIVA», uma produção de  
Fernando de Sousa, com o  
patrocínio deste jornal.

#### REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do  
desporto e a favor do desporto.  
Produção associada de: Fern-  
nando de Sousa, Fernando de  
Lacerda e Veríssimo Alves.  
Brevemente novos progra-  
mas e novas rubricas. Para  
a sua publicidade consulte

#### Organizações Progresso

Av. de Roma, 207, 3.º - Esq.º  
LISBOA

# EDITAL

## Recenseamento Eleitoral

**José Moria Mendes da Costa, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Montijo**

Faz saber, nos termos e para os efeitos do art. 10.º da Lei n.º 2015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores do PRESIDENTE DA REPUBLICA e da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1957, terão início em 2 de Janeiro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

### Ao abrigo do disposto nos Art.ºs 1.º e 2.º da citada Lei:

São eleitores e, como tal, recenseáveis:

1.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português.

2.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais.

3.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

- curso geral dos liceus;
- curso do magistério primário;
- curso das escolas de belas artes;
- curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;
- curso dos institutos industriais e comerciais.

4.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º ou 2.º.

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens, e solteiras que vivam inteiramente entre si.

5.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino que sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem de contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) — Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia.

b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta da Freguesia;

d) — Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o art.º 13.º da citada Lei.

A prova do pagamento referido nos 2.º, 4.º e 5.º faz-se:

a) — Pela exibição perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;

b) — Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.

As provas referidas nos 2.º, 4.º e 5.º far-se-ão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, pois que entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A prova das habilitações referidas no n.º 3 faz-se:

Pela exibição do diploma do curso, da certidão ou a pública forma respectiva, perante a comissão a que se refere a alínea a) ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no art.º 13.º, da citada Lei.

Não podem ser eleitores:

1.º — Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º — Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença.

3.º — Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º — Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º — Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º — Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de cinco anos;

7.º — Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como Estado independente e à disciplina social;

8.º — Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto, poderão requerer a sua inscrição no Recenseamento, ao Presidente da Comissão Recensadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, profissão, habilitações literárias e morada.

Para constar, se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares de estilo e publicados em jornais deste Concelho.

Paços do Concelho, 11 de Dezembro de 1956.

(a) — José Maria Mendes da Costa

## Serão de Variedades NO Musical Clube Alfredo Keil

Realizou-se no passado dia 9 do corrente pelas 21,30 um Serão de Variedades em que tomou parte: o magnífico Grupo Artístico Montijense, composto por Maria de Lourdes, Maria Aurélia, Mariana Pereira, Maria Virgínia, Maria Tezeza, António Tavares, António Carlos, Moisés Soares, Francisco Caixeirinha, Arlindo Silva, Alfredo Ferreira, e António Bento, num programa original de José Joaquim Caria e Humberto de Sousa.

A locução esteve a cargo dos categorizados Luís Onofre, Nuno de Menezes, e Maria Helena, acompanhados da soberba e apreciada Orquestra montijense ELDO-RADO.

O Serão decorreu com o maior brilho e animação, e terminou com a Marcha de Montijo, cantada por António Bento e acompanhado do seu Grupo Artístico.

Ao Musical Clube Alfredo Keil, que estava comemorando o 47.º aniversário, os nossos parabéns e ao mesmo tempo os nossos agradecimentos pelo convite que tiveram a amabilidade de enviar ao nosso jornal.

## Sarilhos Grandes

### Um benemérito

O sr. José Narciso Gonçalves, regedor da freguesia de Sarilhos Grandes, acaba de praticar uma acção que muito o nobilita e merece o devido relevo.

Foi preciso alargar a rua do Poço Novo, a fim de facilitar o trânsito.

Aquele senhor, para que tal fosse uma realidade, cedeu gentilmente um armazém que possuía naquela rua.

E assim, a Rua do Poço Novo já dá passagem a todos os veículos, ficando uma das boas artérias da freguesia.

E' tanto mais de pôr em relevo este gesto quanto é certo que são cada vez mais raros, até por parte daqueles que tinham obrigação moral de os praticar.

Cumprimentamos o sr. José Narciso Gonçalves por este facto, com todo o respeito e consideração.

## Dr. Juiz

### José Maria Pereira de Oliveira

Veio apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida o Meritíssimo Juiz da nossa Comarca, recentemente transferido para a Comarca de Almada.

Muito nos sensibilizou este gesto do «nosso» Juiz que em todos deixou a maior saudade, pelo seu trato afável, integridade de carácter e nobilíssimas virtudes.

Reconhecidamente agradecemos a gentileza.

O ilustre Magistrado teve uma afectuosa despedida no Tribunal, onde todo o funcionalismo, com o Ex.º Dr. Delegado do Procurador da República à frente, lhe ofereceu um objecto de arte, como recordação de muita simpatia.

Desejamos-lhe as maiores felicidades no seu novo cargo e felicitamos a Comarca de Almada pelo íntegro Magistrado que a vai administrar judicialmente.

## Fotofilme

Trabalhos para amadores

Fotografias d'Arte

Aparelhos Fotográficos

Reportagem Fotográfica

Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO



## AGENDA ELEGANTE

### Aniversários

Dezembro

— No dia 12, a sr.<sup>a</sup> D. Palmira Rana Pinto, irmã do nosso dedicado assinante sr. Carlos Rana Gervásio.

— No dia 13, a menina Maria Emilia Pinto Martins Soares, filha do nosso dedicado assinante sr. Norberto Martins Soares.

— No dia 13, o sr. José Ramos Dias, nosso prezado assinante e amigo.

— No dia 14, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Adelaide da Silva Gonçalves, esposa de Manuel Martins Gonçalves, contínuo dos B. V. Montijo.

— No dia 14 completou 7 anos o menino Carlos Alberto Bernardo Paiva, irmão do nosso estimado assinante sr. João Francisco Bernardo Paiva.

— No dia 16, completou 15 anos a menina Maria Carolina Gervásio Bastos, filha dedicada do nosso prezado assinante sr. António Mendes Bastos.

— No dia 16, o sr. Capitão Francisco Salgueiro da Silva, nosso dedicado assinante.

— No dia 17, completou 17 anos a nossa estimada assinante, menina Maria Antónia Simões Adão.

— No dia 18, a sr.<sup>a</sup> D. Emília da Conceição Marques, esposa do nosso dedicado assinante sr. Manuel José Gervásio.

— No dia 19, a sr.<sup>a</sup> D. Maria José Mónica Marques, esposa do nosso prezado assinante sr. Anselmo Joaquim Marques.

— No dia 21, o menino Fernando José Oleiro Lucas, filho do nosso estimado assinante sr. Artur José Fernandes Lucas.

— No dia 23, a menina Ana Maria Rodrigues dos Santos, filha do nosso amigo, e proprietário da Tipografia Grafex, sr. José Pereira dos Santos.

— No dia 24, o sr. Olívio Gomes, nosso dedicado assinante.

— No dia 25, o sr. Custódio José da Silva, nosso bom amigo e dedicado assinante.

— No dia 26, a gentil menina Lucinda Mónica Marques, filha do nosso estimado assinante sr. Anselmo Joaquim Marques.

— No dia 31, a menina Maria Margarida Oliveira Contramestre, filha do nosso estimado assinante sr. Artur Marques Contramestre.

— No dia 2 de Janeiro de 1957, o sr. Rolfio Lucas (atita, nosso prezado assinante.

### António Joaquim Marques

Este nosso querido amigo e estimado assinante, teve que ser operado de urgência em Lisboa, para onde foi transportado também de urgência.

Felizmente, tudo passou e o nosso amigo encontra-se a caminho do completo restabelecimento.

Apresentamos-lhe, por este facto, os nossos afectuosos cumprimentos e felicitações, e fazemos ardentes votos pelo seu rápido regresso à nossa terra e ao convívio dos seus e dos muitos amigos.

### Academia Musical União e Trabalho de Sarilhos G.

Comemorando o seu 58.º aniversário, realizou esta Academia uma sessão solene e um baile no dia 16 do corrente, bem como uma sessão cinematográfica no dia 17.

No dia 18, data desse aniversário, hasteou-se a bandeira na sede e houve uma salva de morteiros.

No dia 19, realiza-se a Assembleia Geral para eleição dos novos corpos gerentes, encerrando-se assim essas comemorações.

«A Província» cumprimenta e felicita vivamente a prestimosa colectividade, fazendo votos por longa vida de constantes êxitos.

# MONTIJO

## NATAL EM MONTIJO

As nossas iniciativas para o dia de Natal vão em seu caminho.

Todos têm concorrido, na medida dos seus desejos e das suas posses, para que «A Província» realize nesse dia a «Árvore do Natal» e uma distribuição de donativos e brinquedos pelas crianças da nossa terra, especialmente pelas pobres.

Será uma festa modesta, como nós o somos, mas cheia de sinceridade e de afectos.

Continuamos registando nas nossas colunas as ofertas recebidas:

— Leonor Casanova, 2\$00; Sibéria, 2\$50; Anónima, 2\$50; Carmina Luz Rodrigues, 1\$00; Somocol, 5\$00; João Mendes Moreira, 2\$50; Anónimo, um sabonete; José do Vale, 2\$50; Felizbela Pinto, um pulóver; Anónimo, 5\$0; António Barata Simões, uma porção de rebuçados; Manuel Cariru, idem; Julieta Godinho, um *babette*; Manuel Maria, 2\$50; Maria da Piedade Fernandes, uma chávena; Anónima, 5\$0; Tamarca, Lda. — um frasco de óleo; Café Imperial, 1\$50; Alfaiataria Rebelo, 5\$00; Cosme Benito Sanchez, Lda., duas latas ovomaltina; João Benito Sanchez, uma lata de ovomaltina; Manuel Rodrigues Gouveia, 3 sabonetes; Delmira Henriques Coelho, um sabonete; Armando Pereira, um par de sapatinhos; Felicidade Rodrigues, 2\$50; Domingos Alves Martins, um brinquedo; Francisco Horta Dias, um brinquedo; Casa Latino, um par de piugas; José Carvalho, 2 copos; Anónimo, um par de *soquetes*; Pastelaria Mjmosa, uma porção de broas; Drograria Oriental, 7 sabonetes, 1 caixa da talco, e uma esponja; Carlos

Ramos Cardeira, 3 pares de calçado e 3 pares de meias; Gertrudes Aranha Areia, 3 pares de piugas e um par de clocos; Maria Júlia, rebuçados; Maria da Piedade Marques, 1\$00; Joaquina Fernandes Sousa e Irene da Silva, rebuçados; Central das Ilhas, 3 dúzias de broas; Abel Ventura, 10\$00; José L. Cardeira, 3 lenços; João Serra, 2 brinquedos e rebuçados; Anónimo, 10\$00; Farmácia Moderna, 5\$00; Domingos Ferraz, 1\$00; Helena Travelho, 5\$00; Abílio G. Tormenta, alpergatas; A. Guerreiro, um par de botinhas; José Fernandes Repas, 4 bibes; Maria Solange, roupinhas; Alírio C. Catalim, uma camisa e umas piugas; Laura Bernardes, 10\$00; Anónimo, 10\$00; Reinaldo Pereira Fontes, 2 brinquedos; Joaquim de Pinho, 6 pares de piugas; Adelino Nunes, 2\$50; Foto Filme, 4 livros; Fernando Capela, uma pilha de algibeira; José Alexandre de Brito, 5\$00.

(Continua)

## LUTUOSA

— No dia 9, faleceu a sr.<sup>a</sup> D. Julieta da Silva Carvalho, de 72 anos, natural de S. Francisco-Alcochete, mãe do nosso dedicado redactor desportivo, sr. José Estêvão da Silva Carvalho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Rosalina da Silva Carvalho, e da sr.<sup>a</sup> D. Sara da Silva Carvalho Santos, esposa do sr. João Santos. O funeral realizou-se no dia seguinte pelas 13,30 horas para o cemitério local.

A família enlutada, e em especial ao nosso redactor, as nossas condolências.

— No dia 6, faleceu a sr.<sup>a</sup> D. Mariana da Piedade, de 91 anos, natural de Montijo. Era mãe do nosso prezado assinante sr. António Luís Ferreira Muchacho, e da sr.<sup>a</sup> D. Maria Adelaide Muchacho. O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério local. Os nossos sentidos pésames para toda a família enlutada, nomeadamente para o nosso assinante.

## Tertúlia Tauromáquica de Montijo

Realizou-se no passado dia 15 do corrente o espectáculo anunciado, no Salão de Festas da Banda Democrática 2 de Janeiro.

O programa foi cumprido com absoluto êxito para o Grupo Artístico Montijense e para a Orquestra Eldorado.

Casa cheia e noite inolvidável. Agradecemos a gentileza do convite que enviaram ao nosso jornal.

## Telefones de urgência

Hospital, 026 046  
Serviços Médico Sociais, 026 198  
Bombeiros, 026 048  
Taxis, 026 025  
Ponte dos Vapores, 026 425  
Polícia, 026 144

### APROXIMA-SE O NATAL!

Nesta quadra festiva V. Ex.<sup>a</sup> necessita de obsequiar os seus amigos e Familiares.

Não esqueça de visitar a **REPAL**, casa especializada em artigos para brindes

**A REPAL PRIMA PELO BOM GOSTO!**

PRAÇA GOMES FREIRE DE ANDRADE, 22 — TELEF. 026 378

Junta do Mercado Municipal em construção

**MONTIJO**

## Desastres de viação

— No passado dia 11, na R. José Joaquim Marques, o menor de 7 anos, Fernando Romão Rosa dos Santos, filho de Francisco Rosa dos Santos e de Maria Elizabeth Pires Rosa, foi atropelado por uma furgoneta quando esta ultrapassava uma carroça. O menor, que brincava no passeio, atravessou a rua em correria e foi embater na parte esquerda de veículo, ocasionando-lhe contusão na região frontal e escoriações na face. Levado ao Hospital Sub-regional de Montijo, foi tratado pelo sr. Dr. Alcides.

A P. V. T. tomou conta da ocorrência.

— No passado dia 11, pelas 15,40, na estrada de Alcochete, foi atropelado por uma bicicleta motorizada o menor de 11 anos, Reinaldo Mendes Fernandes, natural de Alcochete, filho de José Lopes Fernandes e de Maria dos Anjos Mendes de Brito. A vítima, que seguia numa carroça, desceu para ir dar um recado ao pai, e, ao atravessar a estrada no momento que o ciclista cruzava com a mesma, foi atropelada, originando-lhe ferida contusa da região parietal direita. Foi socorrida no hospital sub-regional da nossa terra.

A P. V. T. tomou conta da ocorrência.

## S. F. 1.º de Dezembro

No dia de Natal e no do Ano Novo realizam-se nesta colectividade dois bailes comemorativos, abrihantados pela excelente orquestra Eldorado.

Não ser, certamente, duas admiráveis reuniões que, como é habitual, deixarão indeléveis recordações em todos que assistirem.

Antecipadamente apresentamos os nossos agradecimentos pelo gentil convite que nos enviaram.

## Desastre mortal

No passado sábado, dia 15, pelas 18,30 horas, quando Manuel Mendes Paulo, de 61 anos, solteiro, jornalista, natural de Mafra, e ao serviço de Francisco Tavares Baliza & filhos, Ltd.<sup>a</sup>, seguia numa carroça no sítio Esteval — Montijo, desequilibrou-se e caiu entre o animal e os varais, ocasionando-lhe a morte quase imediata.

Transportado ao hospital sub-regional da nossa terra, chegou ali já morto, seguindo para a casa mortuária do cemitério, a fim de esperar as disposições legais.

## Agradecimento

**José Costa**

Natural de Parragil-Loulé, e residente em Alcaria do João-Alte.

Teófilo Martins Caiado, casado com Rosa da Costa, filha do falecido, vem por este meio agradecer a todas pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada o seu chorado sogro e pai. A todos, os nossos maiores agradecimentos.

## AGENDA UTILITÁRIA

### farmácias de Serviço

5.<sup>a</sup>-feira, 20 — *Moderna*  
6.<sup>a</sup>-feira, 21 — *Diogo*  
Sábado, 22 — *Giraldes*  
Domingo, 23 — *Montepio*  
2.<sup>a</sup>-feira, 24 — *Moderna*  
3.<sup>a</sup>-feira, 25 — *Diogo*  
4.<sup>a</sup>-feira, 26 — *Giraldes*

### Boletim Religioso

#### Culto Católico

MISSAS

5.<sup>a</sup>-feira — às 8,30 e 9 horas.  
6.<sup>a</sup>-feira — às 8,30 e 9 horas.  
Sábado — às 9 e 10 horas.  
Domingo — às 8, 10, 11,30, 11,30 (Atalaia); 17,30 (Afonsoeiro); 18 Montijo.

### Espectáculos

#### CINE POPULAR

5.<sup>a</sup> feira, 20; Um *filme* em Vista Vision com Jane Wyman e Claire Trevor «Orgulho contra Orgulho», com complementos curtos e Revista Paramount.

6.<sup>a</sup> feira, 21; Jack Palance e Barbara Rush nas mais acidentadas e palpitantes aventuras em Tecnicolor «Beijo de Fogo», um beijo que mudou o destino duma nação. Em complemento, o espectáculo emocionante que empolga e apaixonava «Rivals no Perigo».

Sábado, 22; Duas surpreendentes comédias «Escala em Paris» e em complemento a divertidíssima fantasia em reprise «O Passa-Parades».

Domingo, 23; 3 grandes actores; Jean Gabin, Françoise Arnoul, e Maria Félix no *filme* em Tecnicolor esufante de alegria, cor, e música «French-Cancan», no programa complementos curtos.

2.<sup>a</sup> feira, 24; Um *filme* em reposição e que não necessita de réclame, com Burt Lancaster, em Tecnicolor «O Pirata Vermelho». No programa complementos curtos.

3.<sup>a</sup> feira, 25 (Natal); Um *filme* em Metroscópio (Panorâmico), uma produção em Tecnicolor, da Metro, um espectáculo musical com Jane Powell, Edmund Purdom, e Vic Damone «Athena». No programa complementos curtos.

4.<sup>a</sup> feira, 26; Um novo romance que fala ao coração, um drama que todas as mulheres devem ver «A Minha Vida é a Tua». Uma mulher... uma mãe, num sublime desafio à morte! Em complemento «Titans do Céu».

#### CINEMA 1.º DEZEMBRO

Sábado, 22; (Para 18 anos), o *filme* de acção e aventuras «O Barão do Arizona» e o drama mexicano com Pedro Armendariz «Flor Silvestre».

Domingo, 23; (Para 13 anos), um drama heroico de impressionantes aventuras em Cinemascope, com Greer Garson e Dana Andrews, «Uma Estranha na Cidade». No programa, interessantes complementos.

3.<sup>a</sup> feira, 25 (Natal); (Para 13 anos), uma grande película musical em Tecnicolor, cheia de risos e lágrimas, bailados e canções, «Retrato de Mulher». No programa lindos complementos.

4.<sup>a</sup> feira, 26; Um *filme* brutal em Cinemascope, com Van Heflin «A Chama do Pecado», e vários complementos.

### Trespasam-se

— CASA de comidas e dormidas, no melhor local de Montijo, — R. José Joaquim Marques, 182. Tratar com o próprio.

— TABERNA bem localizada e com habitação, junto ao cinema em construção.

Informa-se nesta redacção.

### Vende-se

— Uma PROPRIEDADE rústica sítio no Pinhal do Monte — Freguesia de Montijo.

Aceitam-se propostas, trata na Rua Joaquim Almeida 32 Montijo.



# Luís Calado Nunes

(Continuação da primeira página)

revela-os a sua alma de pedagogo moderno, — actualizado sacerdote do seu magistério. É dele o que poderia e deveria estar hoje, a apagando a palavra *Ódio* em cada balsão das forças assassinas, esta quadra:

*«Estuda, aprende, verás  
a força de que dispões:  
contra os soldados da Paz  
pouco valem os canhões».*

As obras literárias de Luís Calado Nunes, em livros, exceptuadas as duas que me faltam para preencher os seis volumes que se diz terem sido publicados por Cruz Magalhães, são as seguintes: «Santelmo» (versos) edição de 1907 — Lisboa; «O Meu Moinho» (versos) em que se englobam na abertura do volume (edição da Tip. do *Correio da Estremadura*, — Santarém — 1913), as «Odes de Anacreonte» (tradução); a seguir: «O Meu Moinho»; depois: «Ecos de Horácio», e no final: «Foguetório».

É este o índice do volume que contém 238 páginas.

Deste volume, na mesma tipografia foi feita, também em 1913, uma separata das «Odes de Anacreonte», de 66 páginas. Mas tenho também conhecimento da existência doutra edição das mesmas Odes (em que número?) publicadas em 1917, e parece que editadas por qualquer livraria, tipografia ou empresa literária, que então girava com o nome de «Alma Nova», em Lisboa.

Há também dele, datada de 1905 e publicada na *Tipografia do Comércio* (Lisboa), onde foi editado o livrinho «Santelmo», uma edição da *Farsa chamada Auto da Índia, de Gil Vicente*, com anotações e interpretações para as escolas.

O resto anda disperso em jornais e revistas, que ninguém teve ainda a curiosidade de coligir, para uma homenagem póstuma ao autor de «O Meu Moinho».

As produções literárias de Calado Nunes estão há muitos anos esgotadas. Basta dizer que, na Biblioteca Nacional só existem o opúsculo «Santelmo» e «O Meu Moinho», este dedicado a um primo do poeta, chamado José Ramos.

Tenho «O Meu Moinho» como o último livro de versos por ele publicado, verificando-se que o poeta foi condensando nessa derradeira obra, com pequenas correcções, o que inseriu em opúsculos anteriores.

A minha competência tão minguada dispensa-me de fazer qualquer crítica à obra deste Montijense ilustre. Não me dispense, porém, como homenagem ao seu brilhante labor literário e artístico, de transmitir aos meus dois leitores fiéis, as impressões que me deixou a leitura das suas produções e originais e das formosas traduções das Odes de Anacreonte e de Horácio.

Dos quatro mil e tantos poemets que fazem parte da formosíssima *Antologia Grega*, em que se compreendem epigramas amorosos e volitivos, funerários e descritivos, e que vão desde a *Coroa de Meleagro* até à *Antologia de Epigramas Variados*, de Máximo Planúdio, — poucos poemets se registam como autênticas produções de Anacreonte.

O que há, à maneira do poeta de Teos, são obra de imitadores numerosíssimos.

Calado Nunes sabia-o muito bem, e advertiu-o no intróito de «O Meu Moinho». Todavia, deu-nos, sob o título genérico de «Odes de Anacreonte», 32 lindos poemets, nem todos do poeta «amigo do prazer, que passou meio século coroado de rosas, a cantar o amor e o vinho, e que ficou na memória dos homens como o próprio tipo da ligeireza amável e brilhante».

Nas suas traduções, com um recorte estrófico diferente de outras que já se deviam ao quinhentista António Ferreira, a Garrett e a Castilho (incluamos também Bocage), não há, porventura, a graça alada que, depois de Calado Nunes, se deveu a Augusto Gil nas traduções, melhor dizendo, nas recreações que o autor do «Luar de Janeiro» fez de muitas poesias da grandiosa *Antologia Grega*, no volume póstumo intitulado *Rosas desta Manhã*; mas há, incontestavelmente, no nosso Calado Nunes, um tradutor elegante e subtil, muito cingido ao texto, que, muitas vezes, lhe sai parafraseado, como, em verso, não podia deixar de ser. Pode ver-se em Nunes a poesia anacreontica *Uma Taça* e, em Gil, a mesma com o título *A Cratera de Vinho*.

Sem intuito de literatura comparada, poderia ainda ver-se em ambos a tradução da poesia grega, a que Nunes deu o título de *O amor sorvido* e Gil o de *Epigrama Cómico do Amor*. No original grego, em tradução literal: *Sobre o Amor*.

A graciosidade do autor do *Canto da Cigarra* corresponde a simplicidade natural do autor de *O Meu Moinho*. E isto demonstra o valor do poeta de que nos ocupamos, a seriedade do seu processo artístico e a alta competência do helenista, cuja modéstia o impediu de dar mais envergadura às rémiges do seu formoso talento.

São apenas oito as Odes de Horácio que figuram em «O Meu Moinho», o bastante para se ver como o tradutor dominou em absoluto o texto latino. Nós que não somos um latinista, vêmo-lo com facilidade em presença da célebre tradução, literal o mais possível, do Abade Batteux (1750). Que segurança de interpretação, que fidelidade ao pensamento (às ideias, como dizia o abade) do autor da Epístola aos Pisões, na transposição que Calado Nunes fez da célebre Ode III do Livro I, intitulada: *A Nau que conduzia Virgílio a Atenas!*

Horácio começou:

*Sic te diva potens Cypri,  
Sic frates Helenae, lucida sidra, etc.,*

E o nosso querido poeta traduziu:

*Que sempre a Vénus Cipria te sorria,  
e que os Gémeos te quiem fulgurando!*

Belíssimas as duas traduções da Ode de *Horácio e Lidia* (Ode IX, L.º 3.º).

Na primeira, este começou:

*Hor. Enquanto, eu só, vivia em teu agraaço,  
e nenhum outro preferido moço  
estreitava nos braços teu pescoço  
ebúrneo e perfumado...  
Ó Lidia, nem o Rei dos Persas tinha  
ventura igual à minha!*

Na segunda, este:

*Hor. Enquanto te agradei  
e eu só, a todos preferido moço,  
cingia o teu pescoço,  
vivias mais feliz que o Grande-Rei.*

A ode «A Valgio», na tradução de Calado Nunes, tem o sabor clás-

sico da elocução de alguns dos nossos maiores poetas do Renascimento. Tal como na citada *Ode à Nau*, ressumbra esta estância profética:

*Já tudo a raça humana cometeu!  
Tudo ela afronta com soberba rara!  
Aos céus roubou o fogo Prometeu,  
por dar a vida à estátua que moldara,  
e logo o Mundo em armas se acendeu,  
em ambições e crimes, que escusara.  
O homem fez-se audaz e de maneira  
que a Morte, dantes lenta, vem ligeira.*

Abstraiamos agora de traduções. Olhemos rapidamente, a correr, a substância poética das poesias originais, contidas no livro «O Meu Moinho».

O poeta foi, evidentemente, um lírico, um amoroso, um erótico, mitigado pela sua maneira ciclotímica de ser, um romântico já despaisado e um pouco atrasado, deixando para trás todas as reacções das escolas (só me recorda uma transigência sua, ao traduzir a *Canção do Outono*, de Verlaine), pretendendo ignorar os movimentos da França, parnasiano e simbolista com os seus versilibristas e melodistas, numerosíssimos entre 1890 e 1900.

Ao entrar no século XX, ele foi também alheio entre nós às novas tendências simbolistas e nacionalistas.

E esteve sempre fora da Musa panfletária — junqueira — do seu tempo, e do futurista europeu, que teve eco entre nós com a revista *Orfeu*, em 1915. Cerca de três anos depois de esta aparecer, o nosso poeta morria, como já dissemos, na velha *Scalabis*. Todos os outros movimentos literários lhe são, pois, posteriores; e foi pena que não pudesse assistir aos movimentos chamados subversivos da poesia lírica espanhola, desde o Ultraísmo eclodido em 1919 até o advento da poesia pura, que deu ao país vizinho uma floração de lírico tão extraordinária como — diz Braz-Plaja — só poderá ser comparada à do melhor momento do Século de Ouro castelhano.

Talvez que o estro brilhante do autor de *O Meu Moinho*, sem cair nos desvarios de uma certa poesia abraçadabrante, que anda por aí como joio infame a borrar o pintura dos poetas que o são, fosse capaz de deitar fora a capa do seu acanhamento e da sua timidez, para nos dar, em todo o potencial do seu plectro luminoso, todos os acordes do sua lira de cristal.

E que nela — à sua lira heptacorde — nunca faltaram, apesar da sua contensão vibratória — as notas sentimentais e eróticas, místicas e elegíacas, moralistas e sentenciosas, humorísticas e irónicas, e até sarcásticas, — toda a gama diatónica, enfim, que explica todas as alternativas e modulações nevróticas dos espíritos excepcionais como o dele.

A sua lira foi o seu moinho, que, à luz do sol poente, ele comparava à vida, que tão breve passa.

E Calado Nunes acrescentava, dirigindo-se a Cruz Magalhães:

*Movem-lhe as velas alternadamente  
o vento da Fortuna e o da Desgraça.  
E, sem piedade, no seu giro, a mó  
— a convivência humana — meu amigo,  
— reduzindo-o a pó,  
vai triturando o trigo:  
o Amor, a Fé, os Sonhos, a Ilusão,  
em suma: o coração.*

*Mas o moleiro — a alma — vai cantando  
ou triste ou jovial, de quando em quando.*

Meus senhores: Não haverá aí um recanto de parque ou jardim, nessa linda terra, onde se possa erguer um pequeno busto capaz de pôr nas pupilas desta grande alma poética todas as radiações de sonho e de beleza que vibraram no maior coração de ouro que Montijo viu nascer no seu seio fecundo!

João Luís da Cruz

## Pela IMPRENSA

— Com o seu n.º 3222, de 29 de Novembro passado, completou o nosso confrade «O Desforço», que se publica em Fafe, o 62.º ano da sua existência.

Por este motivo, cumprimentamos e felicitamos a sua ilustre Directora, D. Isaura Pinto Bastos, desejando ao semanário que dirige muitos e prolongados anos de próspera e feliz vida jornalística.

— Completou dois anos de existência o nosso prezado colega «Jornal de Almada», de que é Director o rev. P. Manuel Marques. Felicitamos e fazemos votos de longa e próspera existência.

— No dia 5 do corrente, completou 36 anos de existência o «Jornal de Moura», de que é Director Godinho Cunha, e naquela vila se publicava. Cumprimentamos afectuosamente por este facto.

## MOTO Jornal

Para conhecimento de todos os assinantes comunicamos que, em virtude da publicação do número especial do Natal, que «A Província» vai efectuar, se encontra suspensa a publicação daquele nosso suplemento, o qual retomará a sua marcha depois dessa quadra festiva.

A todos os assinantes apresentamos, por este motivo, as nossas desculpas.

## José Teodósio da Silva

(Herdalra)

Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos.

Rua Formosa 8 — Telef. 026204 — 9

MONTIJO

# Olha a tua Saúde

## Cálculos biliares

A causa principal da formação destes cálculos reside na alimentação anti natural e nos excessos das refeições, especialmente quando essas refeições se compõem de carnes, bebidas alcoólicas e outros excitantes, os quais, sobrecarregando o fígado, podem originar a acumulação de substâncias que os provocam.

Esses cálculos são autênticas pedras de cal, magnésia e outros detritos, e o seu tamanho varia desde uma simples areia até às proporções dum feijão, dum avelã, e em alguns casos excepcionais até às dum ovo.

Encontram-se em pequeno número ou atingindo dezenas e dezenas.

São mais atreitas as pessoas de quarenta anos para cima, de organismos cansados pelos excessos referidos, e mais frequentes nas mulheres, em virtude da insuficiência biliar, da falta de

exercício, e ainda por causa da pressão exercida pelos vestidos apertados e cintas.

O sintoma principal da presença desses cálculos é a cólica. Esta costuma surgir repentinamente e caracteriza-se por uma dor intensíssima desde o primeiro momento, aumentando pouco a pouco até chegar à dor de cólica violenta. Essa dor localiza-se no lado direito das costas, na direcção do ventre, e irradia por vezes para o ombro e braço direitos. Além da dor, manifestam-se também enjoo e vômitos.

A duração da crise pode oscilar entre poucas horas e um dia ou mais.

Oscálculos biliares podem trazer consequências muito graves, como a icterícia crónica, a congestão do Fígado, e a perigosíssima peritonite.

## Icterícia

Dá-se este nome à doença que provém da presença da biliar no sangue. A mais

vulgar é devida geralmente à inflamação dos condutos dessa bilis, os quais incham e não deixam passar livremente essa bilis para o intestino. Nesta situação, a bilis volta a ser absorvida pelo sangue e provoca a icterícia.

O sintoma mais importante é a coloração amarela da pele, que se nota em primeiro lugar no branco dos olhos, nos lábios e no interior da boca, depois nas unhas e por fim na pele. A urina é verde e as fezes são descoloridas.

Muitos doentes sofrem picadas na pele, muito incomodativas, as quais ocasionam pequenas feridas e até furúnculos.

(Continua)

Telefone 036 57

Para boas Fotografias

Foto Montijense



# Liga Portuguesa de Profilaxia Social Publicações Recebidas

## CONFERÊNCIA

A convite da Liga de Profilaxia, o Sr. Dr. César Pegado, bibliotecário da Universidade de Coimbra, realizou, no Clube Fenianos Portuenses, uma conferência em que abordou o tema: «Afonso de Albuquerque — Esboço Biográfico».

Presidiu o Sr. Dr. António Emílio de Magalhães, director da Liga de Profilaxia, ladeado pelos Srs. Capitão Lisboa Botelho, representando o Sr. Comandante da 1.ª Região Militar; Capitão António Joaquim Fernandes, representando o Sr. Comandante da P. S. P.; Conselheiro António Ferreira; Dr. Fernando Pires de Lima; Dr. Sobral Torres; e António José de Sousa, representando o Clube Fenianos Portuenses.

O Conferente, depois de justificar os motivos que o levaram a escolher para tema da sua conferência a figura de Afonso de Albuquerque, referiu-se à formação do Império Português e à contribuição decisiva do Infante D. Henrique.

Principiou por definir o que foi o plano imperialista da conquista da Índia, em larga medida delineado por D. Manuel I, começado a executar pelo 1.º vice-rei D. Francisco de Almeida e alargado em tais proporções por Afonso de Albuquerque que se pode afirmar mesmo que foi ele o criador de um novo Portugal na Índia, que tinha Goa por fulcro.

Ocupou-se, em seguida, da biografia do *Terribil*, começando por tratar da controvérsia relativa à data do seu nascimento, e salientou devidamente o muito que ele ficou a dever aos climas espirituais e intelectuais que se viviam nas cortes de D. Afonso V e de D. João II,

tendo sido até companheiro de armas deste último.

Com uma sólida preparação militar e um largo conhecimento das coisas do mar, Albuquerque foi, no Oriente, o fautor de uma política de largas vistas e o homem capaz de executar cabalmente os planos que o Rei Venturoso, em longas conversas, tanta vez lhe confiara ao tratar-se do instante problema da Índia.

O Conferencista, seguiu, depois, par e passo, a acção de Albuquerque, desde a sua chegada à Ilha de Socotorá, até ao momento de tomar conta da governação da Índia, tratando longamente das questões que então surgiram com o 1.º vice-rei, D. Francisco de Almeida.

As conquistas de Goa, Malaca e Ormuz, foram des-

critas em pinceladas rápidas e impressivas, pondo-se em destaque a bravura e a coragem de Afonso de Albuquerque e dos seus homens.

Seguidamente, apreciou, em pormenor, as sábias medidas adoptadas pelo governador para dar à Índia uma estrutura política-étnico social, as quais a tornaram de tal maneira inconfundível, que ainda hoje perduram essas características naquelas longínquos territórios, e de que resultou considerar-se hoje em dia Albuquerque como um dos maiores génios colonizadores dos tempos modernos, nada sofrendo em paralelo com outros notáveis vultos da colonização, quer nacionais, quer estrangeiros.

No final, o Conferente foi muito aplaudido.

— *A Cooperação* — Revista bimensal de Cultura, Informação e Divulgação Técnica.

Director — José da Silva Baptista — Redacção — Rua de Alves Torgo, 13 — Lisboa — N.º 2 — Novembro.

Correspondendo à expectativa, esta Revista continua a linha traçada no seu 1.º número.

Auspiciosa estreia e não menos auspiciosa continuação.

Sumário variado e valioso. Muito ilustrado este número, digno de recomendação a quantos estimam a boa leitura.

Aspecto gráfico notável. Muito agradecidos pela gentileza do exemplar que recebemos.

— *Terras de Portugal* — Revista de Turismo e Regionalismo.

Director - Adjunto = José de Matos — Director e Editor = Costa Pereira — Redacção

— Rua do Anjo, 35 — Braga — N.º 58 — Novembro.

Dedicado ao Cartaxo, ao Vale de Cambra, a Oliveira de Azemeis, a Águeda, e a Fafe, com as respectivas ilustrações, as «Terras de Portugal» continuam na sua missão de dar a conhecer as belezas e as grandezas do nosso país.

Além da parte turística, insere ainda uma página feminina e outra da «Seara Alheia», que muito a valorizam. A nossa simpatia, e a nossa gratidão por mais este excelente exemplar enviado.

**Dr. Perpétua de Vilhena**

**CLÍNICA DE BOCA E DENTES**

Consultas às: 3.ªs, 5.ªs, e Sábados.

— Preços de Policlínica —

Rua Ivens, 26 - 1.º

Telef. 25626 = LISBOA

## A RADIODIFUSÃO NA INDONÉSIA

de Rollin de Macedo

Uma das organizações mais dinâmicas e mais eficientes da República da Indonésia é, sem qualquer dúvida, a «Rádio República Indonésia» (R. R. I.).

A radiodifusão indonésia tem por fim educar, informar, divertir e, finalmente, espalhar pelo Mundo o conhecimento da cultura indonésia.

A rádio indonésia está centralizada; todos os postos emissores operam sob o controle do Ministério de Informação. A publicidade comercial não está, presentemente, autorizada na R. R. I., tal como sucede na nossa Emissora Nacional.

A primeira estação de rádio foi construída na Indo-

nésia em 1916, em Tjiparaj (Java ocidental); mas as comunicações com o outro-mar não começaram senão por alturas do desenvolvimento das comunicações radiotelefónicas entre Bandung e Amsterdam, em 1929. Esse desenvolvimento foi-se acentuando e alguns anos mais tarde foram estabelecidas comunicações radiotelefónicas com a Malásia, as Filipinas, a Tailândia, o Japão e os Estados Unidos.

Durante o mesmo período foram estabelecidas comunicações radiotelegráficas com a Austrália, a China, a França, a Alemanha e os Estados Unidos.

Nos anos que precederam a II Guerra Mundial, estações pertencentes a proprietários indonésios tiveram um papel importante no movimento pela independência, papel que se pode comparar ao da imprensa dessa época. Assim, a rádio holandesa (N. I. R. O. M.), órgão de propaganda muito impopular, ficou incapacitada de lutar e em 1939 foi, finalmente, absorvida por um novo grupo de estações indonésias.

Porém, durante a ocupação japonesa não foi mantida qualquer ligação com o outro-mar, salvo com Singapura e Tóquio.

A R. R. I. foi montada em 11 de Setembro de 1945, menos de um mês depois da proclamação da independência e da fundação da República. O seu principal fundador, e que é ainda o seu Director Geral, foi o senhor Maladi.

Durante o período da luta pela independência (1946-1949) a R. R. I., aliás

como todas as organizações governamentais indonésias, fez um esforço titânico para trazer o público informado sobre os acontecimentos e manter o espírito nacional durante o período mais crítico da história do país.

Há estações de rádio instaladas em Solo, Semarang, Timor, Madiun, Medan, Kutaradja, Amboine, Makassar, etc. Estão ao serviço 58 estações, emitindo em diversas frequências.

E coisa curiosa: o senhor Maladi construiu, com a ajuda dos seus técnicos, uma estação móvel completa, chamada «Balang», e que foi utilizada em numerosas ocasiões até ao fim dos combates, em lugares diferentes de Java.

Um escritor indonésio disse da R. R. I., durante a época da luta pela independência, que aquela emissora trabalhara a um ritmo revolucionário e que tinha tido um canto de devoção por um ideal comum: a liberdade completa da Indonésia.

Todas as estações radiofónicas estão equipadas com tipos de microfones dos mais modernos e aparelhos de registo de som para exteriores.

A estação emissora e receptora mais importante e mais potente está instalada em Rantjaekel, no oeste de Java, desde 1953, e é a mais importante no género no sudeste da Ásia.

A radiodifusão indonésia tem prestado imensos serviços no domínio da educação popular; tem ajudado consideravelmente a ensinar ao povo indonésio o valor e as responsabilidades inerentes à sua nova liberdade;

tem dado ao povo uma visão clara e nítida das bases filosóficas do Pantja Sila, dos cinco princípios dos nacionalistas indonésios.

Também a radiodifusão indonésia tem um certo número de emissões destinadas aos estudantes: palestras e cursos com o fim de lhes proporcionar progresso nas diversas disciplinas.

Uma outra função capital da rádio indonésia é a de manter o público informado dos principais acontecimentos, quer nacionais quer estrangeiros. Para maior expansão, os receptores têm alto-falantes colocados à porta da casa do chefe do distrito, nos mercados e em outros lugares públicos. Desta maneira, mesmo os indonésios mais pobres podem escutar as emissões da radiodifusão do seu País.

Todos os programas que as estações regionais retransmitem de Djakarta são em língua indonésia ou «bahasa indo ésia», embora os programas especificamente locais sejam geralmente na língua local, no dialecto da região em que se encontra o emissor.

Todos os anos, a 11 de Setembro, o aniversário da fundação da Rádio da República da Indonésia é objecto de uma comemoração oficial. Por essa ocasião as vedetas da rádio recebem um prémio e os melhores produtores são igualmente recompensados.

Destinado ao estrangeiro, os serviços da radiodifusão indonésia mantêm um programa intitulado «A Voz da Indonésia», com o fim de dar a conhecer os acontecimentos da jovem República e da cultura indonésia. «A Voz da Indonésia» vai para a Ásia, para os Estados

(Continua na página 7)

## Não queiras saber quem sou

*Não perguntes o que eu sou,  
Não me queiras decifrar:  
— Chama que um sopro agitou  
Sem conseguir apagar.*

*Vou, como folha caída,  
Que rola ao sabor da sorte,  
No turbilhão impelida...  
Não sei qual é o meu norte!*

*Sou ave tonta sem ninho,  
Chama que um sopro empurrou,  
Não encontro o meu caminho,  
Nem sei se Deus mo traçou...*

*Não queiras saber quem sou,  
Não tentes compreender;  
Eu sou aquilo que sou  
E não o que eu queria ser!*

**Maria Albertina Baeta**



# DESPORTOS

## Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

### Coruchense, 4 - Montijo, 0

**Equipas:**  
**Coruchense** — Vieira; Faustino e Bailão; Veríssimo, Prates e Alfredo; Carlitos, Rodolfo, Remígio, Rocha e Narciso.

**Desportivo de Montijo** — Redol; Valentim e Anica; Neto, Manuel Luis e Santana; Barriga, Serralha, Veredas, J. Valentim e Ernesto.

**Árbitro:** — Raúl Martins, de Lisboa.

**Campo:** — Campo da Horta da Nora, em Coruche.

Ficámos desorientados com o resultado deste encontro.

Não percebemos porque não alinharam João Mário e Mora, — principalmente aquele que, ainda no último desafio, tão boa conta dera do seu lugar.

Estamos convencidos de que foi um erro que se reflectiu no final do encontro em Coruche.

Desde já declaramos que o Coruchense ganhou porque devia ganhar. Da maneira que o jogo decorreu, não havia a esperar outro resultado. Não nos convencemos, porém, de que assim aconteceria também se aqueles dois jogadores tivessem ocupado os seus lugares.

Dir-nos-ão que aconteceria da mesma forma. No entanto, continuaremos a afirmar que não compreendemos a exclusão de João Mário e de Mora.

Vejam agora o que se passou: O jogo foi violento de ambos os lados. Do lado coruchense foi, na verdade, muito mais; mas do lado montijense também se fez o que se pode...

Do lado coruchense, jogo duro, jogo rijo; do lado montijense, energia em barba, velocidade constante, precipitação indómita a pontos de Manuel Luis meter um golo na própria baliza.

A 18 minutos do prélio Rocha fazia o primeiro golo dos de Coruche e a luta redobrou de dureza e até de violência.

E a primeira parte terminou com esse golo. Ninguém podia prever, no entanto, que na segunda se passasse o que se passou.

Do entrecchoque dos sistemas diferentes, — os de Coruche na permanente defesa do resultado já colhido, os de Montijo ao ataque voluntarioso —, resultou que o Coruchense entrou no domínio quase absoluto.

Aos 40 minutos, o infeliz golo de Manuel Luis, aos 41 outro golo de Rocha, e aos 42, quase sem intervalo, outro de Remígio.

O Desportivo, nem o golo de honra!

Até Neto, o grande jogador que sempre temos notado, esteve hesi-

tante e não deu o costumado rendimento!

E se não fora a formidável tarde que Redol apresentou, não sabemos se o resultado seria ainda pior do que foi...

Do Coruchense, gostámos de Bailão e de Alfredo; do Desportivo, a nosso ver, apenas Redol se salvou heróicamente, embora Veredas e, — vá lá — Ernesto, fizessem quanto puderam para evitar maior fracasso.

O árbitro, embora com certa indecisão, embora com certa indulgência em certos casos, esteve regular.

O Desportivo ficou, desta boa maneira, em 4.º lugar, equiparado ao Coruchense e ao Olhanense com 21 pontos, indo o Farense à frente com 27.

Não podemos encerrar esta crónica sem dizermos que é indispensável tomar na devida conta as responsabilidades de quem dirige e designa as linhas, perante a massa associativa, ainda que estejamos na esperança de recuperação nos jogos futuros.

É preciso passar a esponja e continuar animosamente o caminho tão bem encetado e tão bem seguido até ao penúltimo encontro.

Assim o espera o

João di cá

## Jantar Regional Clube Desportivo de Montijo

Foi no passado dia 13 do corrente que a Direcção do Clube Desportivo de Montijo realizou em casa do sr. Francisco Tobias um jantar regional de confraternização entre os jogadores, para assim se familiarizarem melhor os homens que honram com brio as cores do nosso clube. O jantar decorreu no meio da maior animação e camaradagem, durando até tarde, e fizeram uso da palavra: em primeiro lugar, o sr. Manuel Lino e Francisco Tobias, e por último o sr. António Fábrega, na qualidade de treinador e em nome de todos os jogadores.

Para bem do Clube da nossa terra e em homenagem aos rapazes que o honram, já estão oferecidas mais confraternizações neste género.

Para a massa associativa do Clube, vem a Direcção por este meio pedir a todos os sócios a fineza de pagarem a cota respeitante ao mês de Dezembro, gesto este que é normal e ao mesmo tempo ajudaria a Direcção a resolver encargos que, na posição em que o nosso clube se encontra, são bastantes.

Aqui fica essa sugestão, ao critério de todos os sócios.

## Basquetebol

### Naval Setubalense, 36 - Montijo, 43

Jogo efectuado no Riquete do Naval, em Setúbal, no passado domingo dia 16, a contar para o Campeonato de Setúbal.

Sob a arbitragem de Américo Marques e Júlio Tavares, as equipas alinharam:

Naval (15 cestas e 6 lances livres transformados em 22 tentados) Gomes (3), Oliveira (3), Lopes, Santos (2), Celestino (13), Pimenta, Carlos (2) e Cruz (12).

Montijo (19 cestas e 5 lances livres transformados em 17 tentados), António (8), Benito, Estrela (5), Jesus (2), Sousa (15), Carvalho (11) e Gonçalves (2).

Ao intervalo 24-13 a favor de Montijo.

Quebrou-se o enguiço! É caso para dizer, realmente.

Ao cabo de tantas jornadas desfavoráveis, afinal se quisermos ter bom senso a única anormal foi a derrota em casa frente ao Vitória, a equipa do C. D. M. alcançou a 2.ª vitória no torneio, e fora de casa, dando maior realce ao triunfo. Merecida a vitória dos montijenses.

Não se julgue, porém, que o Naval não fez o seu jogo. Nada menos verdade. O Naval jogou o seu normal, a marcação foi a habitual, simplesmente o Montijo jogou melhor, sem contudo ter jogado muito bem.

A acção de Américo Gonçalves, ex-treinador da equipa, e na qual se estreou como jogador, teve papel preponderante na vitória. A sua visão nos lances e o seu sentido de jogo consciente, são, quanto a nós, notáveis e extremamente necessários para o plano de jogo que Tomás Pontes, o novo orientador, está a influir na equipa. Pena é que não sustenha convenientemente o seu feito, irreverente para com os árbitros, a bem da equipa. É preciso mais calma sr. Américo!

Igualmente Teodemiro se notabilizou, desta vez a jogar no seu lugar: posição de «poste», homem de ressaltos, propícia para a sua estatura.

Agradável a movimentação global da equipa. O individualismo de alguns jogadores esteve ausente, à parte pequenos pormenores de Elisiário, e isso como não podia deixar de ser pesou e teve influência na calma e repousante teada com que o «cinco» actuou.

Apesar de tudo ainda houve algumas vezes em que, devido ao entusiasmo na luta, o jogo confuso e incaracterístico existiu, mas, cremos, isso são arestas que o tempo a pouco e pouco vai limando. Até lá é preciso esperar e nunca esmorecer.

Da equipa do Naval, parece-nos ter dito tudo. Não podemos deixar de apontar a maneira incorrecta, por demais e para chamar violenta, como o seu jogador Cruz actuou.

Que nítido contraste com a acção correctíssima dos seus colegas! Elementos como aquele não são necessários a qualquer equipa. São ervas daninhas que infestam a seara e a prejudicam grandemente prejudicando-se depois a si próprios.

Nós não lamentamos a sua maneira de jogar, mas dela nos apiedamos.

Regular a exibição do duo da arbitragem.

Luciano Mocho

### Obras de Alvaro Valente

— «Eu», livro de sonetos, esgotado; «Daqui...fala Ribatejo», contos monográficos, 30 escudos; «Pedagos deste Ribatejo», folclore e costumes, 30 escudos; «A minha visita ao museu de S. Miguel de Ceide», folheto, 5 escudos; «Lino a Almada», em verso, 10 escudos; «Grades Eternas», estudos sociais, 15 escudos; «Vidas Trágicas», romance, 15 escudos; «Viagem de Maravilhas», reportagem, 20 escudos. Pedidos à Redacção de «A Província».

## Concurso de Prognósticos de futebol

### Cupão N.º 13

Acertaram em 10 resultados 4 concorrentes:

Eduardo dos Santos Baeta - R. Serpa Pinto, 19 - Montijo  
Ernesto da Conceição Glória - Praceta R. J. J. Marques, r/c - t

MONTIJO

Edmundo Gomes Guilherme - R. das Fontainhas, 114 - Setúbal  
Manuel Raimundo Leitão - Bairro do Rodrigo - T. dos Cruzeiros, 10

Covilhã

Todos os premiados deverão levantar nesta Redacção as senhas que os habilitam aos respectivos prémios, à excepção dos concorrentes domiciliados fora de Montijo, aos quais lhe serão enviados os prémios.

### Prémios para o cupão n.º 15

Aos que acertem em todos os resultados

1.500\$00

em compras em estabelecimento à escolha do contemplado

Aos que acertem em maior número de resultados

Lanternas eléctricas de algibeira (sem lâmpada e sem pilha), mais uma oferta da SETEL, a maior casa em artigos eléctricos em Montijo.

CORTE POR AQUI

CUPÃO N.º 15

### Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

1.ª Divisão		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Sporting	Lusitano	Farense	Beja
Benfica	Covilhã	Arroios	Estoril
Académica	Porto	Olivaís	Montemor
Torreense	Cuf	Juventude	Montijo
Barreirense	Caldas	Coruchense	Olhanense
Setúbal	Belenenses	Portimone.	Portalegre
Oriental	Atlético	Almada	«Os Leões»

Nome .....

Morada .....

Localidade .....

«A Província»

Cupão N.º 15

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 30

## Associação de Socorros Mútuos

União Mutualista Nossa  
Senhora da Conceição

### Convocação de Assembleia Geral

Em cumprimento das disposições estatutárias, convoco todos os sócios na pleno gozo dos seus direitos, para reunirem em Assembleia Geral Ordinária, no dia 22 do corrente, pelas 21 horas, na sede desta Associação, rua de Almirante Reis, n.º 94, nesta vila, para:

Eleição dos corpos sociais para o exercício de 1957 e votação dos orçamentos ordinários para o mesmo exercício.

Caso não compareça número legal de sócios, fica a mesma convocada para o dia 29 do corrente, a igual hora, no mesmo local e com idênticos fins.

Montijo, 17 de Dezembro de 1956

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral  
a) José Estêvão da S. Carvalho





## ESTREMOZ ALHOS VEDROS

### Orfeão Tomás Alcaide

Como foi anunciado nas colunas deste Jornal, realizou-se no Teatro Bernardino Ribeiro, na noite de 30 de Novembro, com grande assistência que enchia a plateia e camarotes do Teatro, a conferência de Tomás Alcaide, com o tema de «Arte de Cantar».

Presidiu à conferência o Sr. Presidente da Câmara Municipal de Estremoz.

Apresentou o conferencista o grande poeta estremocense Silva Tavares, que por motivo de doença de pessoa de família não pôde comparecer, enviando a apresentação escrita, tendo a mesma sido lida pelo membro da Direcção do Orfeão Sr. João Malaquias.

O documento enviado pelo grande poeta estremocense, apresentando Tomás Alcaide, foi uma oração cultural, cheia de brilho e patriotismo, evocando a homenagem que a sua terra já lhe prestara, ao qual, ao terminar a sua leitura, a assistência dispensou uma vibrante ovação.

Tomás Alcaide, distinto cantor português, inicia a sua conferência, que pelo seu trato e pela sua fina cultura, bem merece a geral simpatia dos seus conterrâneos.

No trabalho apresentado explica-nos, tracejando num quadro a configuração dos órgãos que produzem a voz e a mecânica dos mesmos em relação às possibilidades de se poder ser um bom cantor.

Fala-nos dos grandes cantores com quem no estran-

geiro honrou o nome da nossa Pátria; diz-nos também a crise porque estão passando os cantores no nosso País que, com uma situação verdadeiramente angustiosa, pouco ou nada podem fazer.

Tomás Alcaide apreciou também os actuais cantores de canções através da Rádio, que classificou de uma ilusão, quando observados de perto e sem auxílio do microfone, no entanto alguns disfrutaram situações privilegiadas.

Tomás Alcaide, ao terminar a sua cultural e elucidativa conferência, foi extraordinariamente ovacionado por toda a assistência.

Em seguida falou o sr. João Malaquias, membro da Direcção do Orfeão, para agradecer a Tomás Alcaide o seu concurso na série de conferências promovidas pelo Orfeão.

Com palavras de repassado bairrismo, o sr. João Malaquias, com frases bem delineadas, dirige-se à assistência e diz: Devemos de nos orgulhar por Tomás Alcaide ter nascido na nossa terra e por ter sido um distinto cantor, apreciado pelo mundo lírico, que bastante honrou a terra portuguesa. Muito obrigado Tomás Alcaide!

As últimas palavras do sr. João Malaquias, foram vibrantemente aclamadas.

O Orfeão, que se encontrava no palco, executou dois números do seu vasto repertório, sob a regência do maestro Idalino Cabecinha, que mereceu muitos aplausos de toda a assistência.

1.º Dezembro

O 1.º de Dezembro, foi

### Futebol

Realizou-se no passado Domingo, 2 do corrente, nesta vila no campo do Clube Recreio e Instrução, o desafio de futebol, a contar para o Campeonato Distrital da 2.ª Divisão de Setúbal, isto é, o encontro entre as equipas do Clube Recreio e Instrução de Alhos Vedros e do Grupo Desportivo de Alcochete.

Perante fraca assistência e sob a arbitragem do sr. Virgílio Pepe, auxiliado pelos srs. Carlos Neves e Hermínio Castro, as equipas formaram com a seguinte constituição:

*Recreio e Instrução:* Assunção; Oliveira e Guinot; Tarouca, Galileu e Paula; Zambujo, Marques, Norberto, António Maria e Beleja.

*Desportivo de Alcochete:* Labreca; Gonçalves e Baia; Penetra, Madeira e Caninhas; Oleiro, Graciano, António Maria, Chefe e Rei.

\* \* \*

A primeira avançada pertenceu aos donos da casa, mas a defesa contrária aliviou no momento oportuno.

Aos 3 e 5 minutos foram marcados livres de canto contra o Alcochete e aos 11 minutos, num remate imparável, Beleja marca o 1.º golo dos locais e aos 23 minutos António Maria marca o 2.º golo, com culpas para o guarda-redes do Alcochete.

Ainda aos 27 minutos, Marques, numa jogada brilhante, atira a contar o 3.º golo do Recreio Instrução e

comemorado nesta cidade, pelas bandas locais, tocando o hino da Restauração. — C.

aos 31 minutos António Maria, numa jogada pessoal, desfere um potente remate obrigando Labreca a uma excelente defesa de recurso, e finalmente aos 40 e 44 minutos, António Rei e Oleiro, batem o guarda-redes de Alhos Vedros por duas vezes.

Até aos 35 minutos deste 1.º tempo os locais exerceram por vezes largo domínio sobre os adversários e dos 35 minutos até final do primeiro tempo o Alcochete apareceu mais vezes ao ataque, obrigando a defesa local a trabalho aturado.

Resultado da 1.ª parte 3-2. A 2.ª parte começou em bom andamento para ambas as equipas, tendo por vezes abrandado com o declinar do prélio.

Aos 9 minutos o Alcochete marca a 5.ª bola para a sua equipa e aos 14 minutos Marques marca o 4.º golo do Recreio Instrução, com culpas para o guarda-redes visitante, e aos 19 minutos Rei faz o golo do empate para o Desportivo, e volvidos 26 minutos do 2.º tempo, Marques põe a sua equipa em vencedora marcando o 5.º e último golo do encontro.

Resultado final 5-4 a favor do Recreio e Instrução de Alhos Vedros.

O encontro decorreu com a maior correcção e desportivismo, premiando assim a excelente arbitragem do sr. Virgílio Pepe.

*Soc. Fil. Recreio União* — Reune-se em Assembleia Geral, no dia 19 do corrente, para eleição dos corpos gerentes do ano de 1957. — (C.)

## Vila Nova De Milfontes

### Falecimento

Faleceu, na casa de Margarida Rodrigues, o Senhor António Guerreiro Barreto, de 63 anos, natural de Colos, e há muitos anos residente nesta localidade. Era motorista marítimo e muito considerado. (C.)



### TELEVISÃO

Agente:

A. Ventura & Filho, L.º

R. Guerra Junqueiro, n.º 4  
Telef. 026495 MONTIJO

## A Radiodifusão na Indonésia

(Continuação da página 5)

Unidos e para a Europa, em diferentes línguas: inglês, chinês, hindú, urdu, árabe, holandês e francês.

Em conclusão: a política da rádio indonésia consiste em pôr em relevo os acontecimentos da vida cultural da Indonésia, além das suas emissões destinadas ao arquipélago indonésio; e destina-se a preservar os valores culturais indonésios, de forma a evitar que sejam relegados para plano inferior em competição com os estrangeiros.

Assim, embora jovem ainda, a radiodifusão indonésia desempenha na vida do país um papel de primeiro plano.

Rollin de Macedo

## Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

— Pagas-mias todas! Racho-te de meio a meio, minha tinhosa! Já te digo... Escusas de cabrazar, que te pilho!

A outra, atónita com a aparição de frente, parou.

— Sempre queria ver! Tinha os braços fortes, saudáveis, de mulher selvagem; sempre queria ver o que a mãe lhe faria. Não estava na ideia de lhe baterem como se fosse caíraio de mama.

E esperou.

A mãe deu um salto e com uma torsada deitou-a por terra.

— Ah coirão! Estás-me nas bentas unhas! Pensavas que eu já estava esfalecida de todo, mas enganaste-te. Vais de cachapum!

E com uma esgalha de pinho que apanhara em baixo, vá de malhar na pobre a torto e a direito.

— Anda marrã! Cadela! Hei-de esmurrar-te a cara e a beíça pra pareceres mais tolão ao pulha. Toma! Toma!

A filha, numa revolta súbita, atirou-lhe um pontapé ao ventre. A velha caiu de costas, desamparada na calçada, mas redobrou de impropérios:

— Alma do dianho! Cabrona! assim tratas a tua mãe, an? Maldicoada sejas pra sempre, 'stipor que me desonraste e a toda a família!

A outra levantou-se num repente, olhou para trás e partiu depois a correr. Subiu novamente pela ribeira, cortou de través o pinhal, e lá no pincarito, rente à azinhaga correnteia do lugar, parou ofegante.

O sangue corria-lhe em fio sobre a vestia.

Tinha as saias rasgadas e em desalinho, as pernas mordidas das silvas

e moitas, as mãos empastadas de areia e suor, os cabelos em farripas sobre os olhos.

Por baixo ficava-lhe a paisagem deslumbrante de toda a encosta, agora em silêncio após a cena. Ela, porém, indiferente às belezas que deslumbravam, só perscrutava as clareiras dos pinheiros e carvalhas.

— A mãe seguira pra casa, com certeza, decidida a não a deixar entrar. A essa hora já ela pusera a aldeia em alvoroço, berrando e fazendo triato pra dar alarme e pôr todos do seu lado. Estava perdida! Dentro em pouco começaria a troça, a cachopada aos grupos, como «agulhetas» do rio, atirando chufas e chamando-lhe das esquinas e dos janelos, Maria Alegria. Seria ainda pior que a oitra, que as invejas eram maiores, e nem pobre de pedir passaria o que estava guardado pra ela!

— Não. Prá aldeia não voltaria. Antes viver de esmolas de terra em terra, antes morrer no fundo dum poço ou num pego do rio!

E, resoluta, meteu por atalhos e barrancos em direcção às obras. Aos lados, as vinhas aramadas que davam borraçudas...

— Ele que a aconselhasse, que lhe mostrasse o caminho preciso naquela aflição. Já que a empulhara, ao menos que lhe valesse como era seu dever.

Nas obras tumultuava o marulho dos trabalhos. O martelar estridente, o roncar dos motores das camionetas em movimento, os ruidos múltiplos do formigueiro, davam ao local o aspecto dum grande acampamento em frenesim.

Ela aproximou-se cautelosamente.

Não o queria comprometer em frente do pessoal. Detrás duma pilha de tejos espreitava e observava; e quando um servente passou, pediu-lhe:

— Fazes favor? Dizes ao sr. Morais, — ao encarregado —, se pode aqui vir falar comigo?

Instantes passados, ouviu: — An? O quê? Uma mulher?

Era a voz dele: — Uma mulher? Uma mulher?

— Sim, uma mulher. Sou eu, Manuel — e atirou-se-lhe ao peito num alto choro.

(CONTINUA)



**N**ÃO sei se o leitor tem estranhado a nossa grande falta cá no jornal (tosse!), mas a avaliar pelas cartas que recebemos aos milhares (sem vaidade!) suplicando, exigindo e desejando esta secção, leva-nos a supor que a neurastenia está germinando a passos agigantados nos vossos tão bem formados espíritos, como grama e tão mal cultivada horta (isto é que é exemplo, senhores!). Mas descansem os leitores que cá estamos hoje de novo a falar-vos, na melhor das boas disposições, na esperança de conseguirmos, com estas linhas de português em pijama, isto é, de trazer por casa, tirar-vos essa máscara de puro carrancudo que tão mal vos fica!

A nossa vontade de trabalhar é que é bem pouca, embora isto vos pareça um autêntico absurdo depois de tão longas férias. Mas é assim mesmo. E os leitores bem sabem que muitas vezes é assim. Quantas vezes os nossos amigos vão passar o domingo fora, para o campo ou para a praia, e com tanta coisa que têm que levar e com tanto que têm que andar que na segunda-feira, essa maldita segunda-feira!, ainda estão mais cansados, até mesmo mais arrasados, que no fim duma intensa semana de trabalho!

Já vêm, portanto, que não admira o nosso caso. Mas fiquem os leitores descansados que a secção continuará para vosso bem e... nosso. Nosso, sim! Ou os leitores que nos estão lendo julgam que o nosso Director vai assim nestas cantigas? Olha quem!... Era muito bem capaz de nos dizer logo:

— O!, meninos, isto aqui não é casa de mandriões, vá!...

E é que vai mesmo!

*E agora, se nos dão licença, aqui temos o Tobias Amorudo que tanto sabe sobre amor e que tão entendido é em questões de coração.*

*Bastante nos custou a sua preciosa colaboração, mas nesta casa não se olha a despesas. O que é preciso é servir bem os nossos leitores e o resto são cantigas. Aqui temos, portanto, o Tobias Amorudo!*

## Questionário

(Reservado exclusivamente aos leitores)

*Eu, Tobias Amorudo, vou dedicar às leitoras solteiras e que namorem, este questionário a fim de que, com certa facilidade, possam saber se seus namorados estão ou não apaixonados.*

Por cada SIM nas respostas 10 pontos.

Por cada NÃO, 5 pontos.

Por cada pergunta sem resposta 2 pontos.

Se no final somar:

Mais que 70 pontos — Apaixonado? Mais do que isso!

Mais que 50 pontos — Gosta de si e já não é pouco.

Menos que 30 pontos — Isso é um marau! Cuidadinho com ele!

1.<sup>a</sup> pergunta: — Seu namorado diz-lhe que os seus cantos deixam a perder de vista a Gina Lollobrigida, a Sofia Loren e a Marilyn Monroe?

2.<sup>a</sup> — Diz-lhe que quando casarem vão morar para uma casa luxuosa num bairro luxuoso, com água quente e fria, com automóvel na garagem e que as férias serão sempre passadas, os dois muito juntinhos, em qualquer praia do Mediterrâneo, Cannes por exemplo, porque o seu ordenado (1) dá bem para estas coisas?

3.<sup>a</sup> — Que nunca se zangarão e que o seu amor será eterno?

4.<sup>a</sup> — Que sua mãe é uma santa?

5.<sup>a</sup> — Que tem muita pena de não ter mais convivência com seu pai porque, se a tivesse, jogariam os dois umas partidas de damas e ele, seu namorado, para lhe ser agradável deixaria que seu pai ganhasse todas as partidas?

6.<sup>a</sup> — Que não casa consigo por interesse e que nem admitia que alguém pensasse em tal coisa tanto mais que sabe que não namora nenhuma ricalhaça(2)?

7.<sup>a</sup> — Diz-lhe frases daquele amor (3), do autêntico e que é bacteriológicamente puro? Ou...

8.<sup>a</sup> — Diz-lhe muita coisa sem interesse (4), que até dá vontade de mandá-lo mudar de disco?

9.<sup>a</sup> — Seu namorado interrompe frequentemente as suas conversas? Ou...

## HOJE, e uma vez mais, depois de tão longa ausência, cá temos de novo



Por

Claro Lopes

### TEATRO

●●● (Isto representa as três pancadas antes de subir o pano)

Peça (mas veja o que pede!) em 1 Acto

A acção passa-se numa casa de banho inundada.

Uma senhora telefona.

A SENHORA — É dos bombeiros?

UM BOMBEIRO — É. sim. Há fogo?

S. — Não. Há inundação. Estava a tomar banho, a torneira avariou-se e está a inundar as minhas casas. Por felicidade o telefone veio a boiar até junto de mim e foi o que me valeu para pedir socorros, pois não posso ir à janela pedi-los porque estou em trajos mais que menores...

B. — O!, minha senhora, mas nesse estado, vamos já. No estado de aflita, claro!...

S. — Não seja apressado. Espere aí, pois o senhor nem tão pouco sabe onde moro!...

B. — Não sei mas pergunto, minha senhora...

S. — Não pergunta nada. O mais que podia era perguntar porque agora já não se usa perguntar! Percebeu? Mas oiça: eu moro no Largo Afonso Rasquelindo. É um prédio verde que tem portas castanhas...

B. — Quentes e boas? Oh, perdão! Queria perguntar qual o número da porta.

S. — Tem o número 17 e fica à direita de quem sobe para a Rua do Monte do... Alqueire. Do Alqueire, percebeu? Mas não se demorem que as águas sobem assustadoramente e eu tenho que estar com uma mão no telefone e a outra mão no jacto...

B. — Não percebi. A senhora falou em avião de jacto? Tem aí algum ou quer que a gente leve?

S. — Deixe-se de conversas e venham o mais depressa possível, pois a água já chega aqui... Olhe! Está? Está? Oiça, oiça...

B. — Vossa Excelência, manda...

S. — Quero dizer-lhe que já... não venham... que... já... não é preci... gluo... gluoooo... ooo!

CAI O PANO... encharcado.

Lamentamos muito ter que encerrar a nossa secção de hoje com traço preto em sinal de luto.

Não é de facto, nada lógico que uma secção como esta, que tem a missão de eriar a boa disposição, termine tão tristemente. Mas, infelizmente, não podemos deixar de comunicar aos nossos leitores a tristeza que nos invade e que por muitos anos perdurará na nossa tão sentida alma.

Na certeza que os leitores compreenderão este nosso desabafo, aqui choramos umas lágrimas esperando que os leitores se associem a tão triste sofrer humano.

Não podendo mais continuar, sufocados pela comoção, limitamo-nos a lamentar:

Morreu a Raquel!

### Um pouco de bom humor

Diz a mulher para o marido, que se encontra embriagado:

— *Andas sempre na taberna a encharcares-te em vinho, meu grande camelo!*

— *Não tens razão — replica ele. Um camelo pode estar 8 dias sem beber e eu nem um.*

O viúvo inconsolável para o amigo:

— *Tu que privaste conosco com tanta intimidade é que podes bem avaliar a minha enorme dor. A minha querida mulher fica-me fazendo grande falta.*

— *Também a mim — atenua o outro.*

O cúmulo da distração

— *O cúmulo da distração acontece quando um indivíduo chega a casa, mete o guarda-chuva na cama e põe-se a escorregar no bengaleiro.*

## Ligeiro Aviso

No interesse de estarmos mais em contacto com os nossos leitores, temos o prazer de informar que está aberto um pequeno concurso nesta secção, que tem por título:

### O mais engraçado do mês

Consiste no seguinte: O leitor ou leitora, claro, que tiver veia humorística, pode enviar, para a direcção abaixo indicada, o que achar digno de ser publicado nesta secção (Anedotas, Contos Humorísticos, ditos de espírito, etc., etc.) mas, evidentemente, tem que ocupar o menos espaço possível e os originais — pois tem que ser tudo muito original! — não podem ser devolvidos.

Quanto a prémios, como somos pobrezinhos, apenas, de momento, podemos publicar, com o merecido relevo, o nome, ou nomes, dos vencedores.

Recebemos, portanto, durante o presente mês todos os originais a fim de serem classificados os mais engraçados e, em seguida, publicados.

Nesta mesma secção, está aberta uma CAIXA DE CORREIO para podermos responder aos nossos leitores sobre qualquer consulta que nos possa ser feita.

Qualquer consulta das leitoras ao Tobias Amorudo pode ser enviada também para

Claro Lopes — *Entroncamento*

Nick Romano

apresenta

# PASSA... TEMPO

Era português

o médico de Voltaire

Talvez poucos saibam que o médico assistente do célebre escritor francês Voltaire era um português. Chamava-se ele João Baptista da Silva. Nasceu em Bordeaux, filho de pais portugueses, no ano de 1682. Era doutorado por Montpellier e formou-se com 19 anos.

Logo no início da sua carreira foi chamado a Paris para tratar do duque de Orleans e pouco tempo depois Luís XV nomeou-o seu médico.

Escreveu em língua portuguesa um tratado sobre sangrias, que teve assinalado êxito e faleceu em 1742.

Vai ser construído o hotel mais caro do mundo

É projecto duma sociedade alemã erguer a 30 quilómetros de Hannover um grandioso hotel de luxo, totalmente independente, pois será servido por um aeródromo privativo, onde poderão aterrar desde helicópteros até quadrimotores. Haverá também dentro dele uma piscina de água aquecida.

A sua construção elevar-se-á a 240 milhões de marcos, o que corresponde a cerca de 1 milhão e 500 mil contos, em moeda portuguesa.

Como nasceu o dito popular

«Matar o bicho»

Conta-se em duas palavras a origem do dito popular «matar o bicho», que vem desde o ano de 1529.

Nesse ano, tendo morrido em Paris uma dama da corte francesa, foi-lhe feita, por se desconhecer a causa da morte, a autópsia, e os cirurgiões encontraram-lhe alojado no coração um bicho (microbio) ainda vivo.

Os médicos aplicaram vários ingredientes para matar o bicho, mas o animal só veio a morrer quando o mergulharam em aguardente.

Daí resultou o costume de «matar o bicho» logo de manhãzinha, ingerindo geralmente um copo de aguardente.

Já lhe tinham dito...

— Que os chineses acrescentam sempre 1 ano à sua idade verdadeira, considerando que, no momento de nascerem, já têm um ano de vida?

— Que se chamava John de Lawriston, o homem que inventou o papel-moeda?

— Que Jacques Anatole Thibaudet era o verdadeiro nome do famoso escritor francês Anatole France?

— Que os logaritmos foram inventados pelo matemático Napier, em 1614?

— Que Arquimedes, 300 anos a. C., na batalha de Siracusa, queimou as galeras de Roma, concentrando sobre elas, por meio de espelhos, os raios solares.

Pensamentos

— Fariamos muitas e melhores coisas se acreditássemos que não há impossíveis — *Malesherbes*.

— Se todos fossem felizes, todos se julgariam, provavelmente, desgraçados — *João de Deus*.

— Não há nada tão vil como ser arrogante com aqueles que estão na nossa dependência — *Madame Lambert*.

— A paz é a percussora do progresso e da verdadeira civilização dos povos. — *Galinotti*.

— Pensar, tem-se tornado sinónimo de existir; todavia, há muitos homens que existem, mas não pensam — *Rafaela Donri*.

Tendo V. Ex.<sup>a</sup> que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar

**Luis Moreira da Silva**

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

M O N T I J O

Este número de «A Província» foi visado pela  
**CENSURA**